

Glossolalia: O Dom Includente Do Espírito Santo

Sueli Aparecida Cardozo Carvalhaes [sueli_carvalhaes@hotmail.com]*

Resumo

O objetivo central deste trabalho é responder se a glossolalia provoca a exclusão ou inclusão de um indivíduo na sua comunidade religiosa. A pesquisa de campo, num primeiro momento, foi de caráter exploratório, visando perceber se a glossolalia está presente nos cultos em comunidades diferentes; num segundo momento, focamos a aplicação de uma pesquisa específica em duas comunidades pentecostais, uma de linha neopentecostal e outra dentro do Pentecostalismo clássico. Comprovamos que o dom continua presente nas comunidades pesquisadas, sendo assunto de grande importância para membros e obreiros. Ao final da pesquisa é confirmado que a glossolalia é razão de inclusão na igreja pentecostal e que a não manifestação do dom não compromete a permanência na instituição religiosa.

Palavras-chave: dom de línguas, glossolalia, manifestação espiritual, Espírito Santo, Pentecostalismo.

Abstract

Contextualized in a broader field research on the relevance of *glossolalia* for different Pentecostal communities the article focuses on two specific churches – one classified as Pentecostal, the other as Neopentecostal - in order to verify the role of *glossolalia* in terms of individual integration into one's religious community. In both cases members and officials consider the gift of speaking in tongues an important element of the collective religious practice. However, while the gift of glossalia is a strong motive to include the respective individual into the group, it is not a prerequisite for group membership.

Keywords: speaking in tongues, glossolalia, spiritual manifestation, Holy Spirit, pentacostalism.

* Mestranda em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Introdução

Este texto traz algumas reflexões sobre um fenômeno religioso, considerado o mito de origem da doutrina pentecostal, a saber, a glossolalia. O objetivo é descobrir se esse carisma é representativo e como é interpretado pelas comunidades pentecostais.

Iniciamos por uma reconstrução histórica da glossolalia, muito anterior ao aparecimento do Cristianismo. É possível verificar que o dom nunca foi uma unanimidade na comunidade cristã, tendo diferentes aceitações de acordo com a linha teológica adotada. Entretanto, é inegável que a glossolalia adquiriu uma abrangência global com o início do Pentecostalismo, no século XX. Apresentamos também uma pesquisa de campo em duas partes. A primeira trabalha a relevância desse carisma em algumas grandes igrejas brasileiras. A segunda parte se concentra em duas igrejas pentecostais para demonstrar o fator inclusivo do dom de línguas entre membros e obreiros.

O texto não pretende esgotar nenhum dos conceitos utilizados por historiadores, sociólogos ou antropólogos, mas compreender esse ponto tão polêmico da doutrina pentecostal. Do ponto de vista social, não é possível identificar se a prática desse dom é um estado de emoção alterado, uma catarse coletiva, um transtorno mental ou algo semelhante. Mesmo assim, a glossolalia continua sendo um traço distintivo pentecostal e tem resistido ao tempo.

Voltando Ao Passado

Muito se debate sobre o manifestar dos dons do Espírito Santo nos dias atuais. Na reconstrução histórica a seguir, debatemos a trajetória e as polêmicas que este carisma sempre suscitou.

Jividen (1973:55) registra que as manifestações do falar em línguas extático não se iniciaram com cristãos, mas sim no ano de 1.100 a.C. Após ter oferecido sacrifícios, um jovem adorador do deus Amon ficou possesso e começou a falar freneticamente. Platão também demonstra conhecer o falar em línguas ao descrevê-lo em vários de seus diálogos. A essa "loucura" religiosa ele chamou dádiva divina. A profetisa de Delphos, quando fora de si, podia exercer grande influência benéfica sobre certos indivíduos.

No primeiro século da era cristã, a glossolalia é atestada pela epístola do apóstolo Paulo à comunidade coríntia. A partir do segundo século, as informações sobre o aparecimento do dom de línguas são vagas. Cabe a Irineu (150 d.C.) o primeiro registro, descrevendo experiências de outras pessoas. Posteriormente aparece o movimento montanista, visando o despertar espiritual da igreja e conquistando inúmeros seguidores, como Tertuliano, um dos maiores pensadores do período patrístico. O movimento de Montano estava focado nas manifestações espirituais, como falar em línguas estranhas, revelações e profecias. Entretanto, não eram as línguas estranhas que afastaram Montano da Igreja romana, mas sim as profecias e o poder de mobilização de seu movimento, que combatia a suposta frieza espiritual daqueles dias. Tertuliano defendeu os montanistas e, após a sua morte, o movimento se distanciou ainda mais da base romana, pregando um ascetismo religioso, com celibato, jejuns e abstinência da carne.

Depois destes casos, só a partir do século XII surgem outras referências às línguas estranhas. O primeiro relato é o de Pedro Valdo, rico comerciante francês, que reúne os fiéis dispostos a lutar a favor dele, contra o luxo e a opulência do clero romanista. Nasce assim o movimento dos valdenses, caracterizados pelo desejo de um *evangelismo puro* e que, segundo os registros, falavam línguas desconhecidas.

A partir da Reforma Protestante, a glossolalia torna-se motivo de debate mais abrangente. No movimento dos anabatistas nem todos praticavam este carisma, uma vez que existiam divergências dessa prática entre eles. Zuinglio reconheceu a manifestação glossolálica e a interpretou como um dom dado para o crente como um sinal para os não-crentes (JIVIDEN 1973:61). No movimento pietista, nascido na Alemanha em 1666, também existem registros de línguas estranhas.

O século XIX é pródigo em relatos. Em 1865, aparecem os profetas de Cevennes, constituído por camponeses que caíam em êxtase e pronunciavam frases que acreditavam ser inspiradas pelo Espírito Santo (HOEKEMA, 2002: 12). Em 1830 na Escócia, uma jovem de Fernicarry chamada Mary Campbell começou a orar e sentiu poderosamente a presença divina, começando assim a falar em um idioma que não conhecia. No começo pensou que se tratava de uma língua que a ajudaria na obra missionária, mas nunca foi possível

identificar que idioma era aquele. Na Inglaterra, o reverendo Edward Irving (1792-1834) realizou um grande avivamento com línguas e profecias nos cultos (HOEKEMA 2002:13). Em 1854, Simmons registrou: *"o ancião F. G. Mathewson falou em línguas, enquanto o ancião Edward Burnham interpretou as mesmas"* (SHERRILL 1969:117).

Os mórmons também anunciaram que falavam em línguas, incorporando aos seus artigos de fé que *"eles crêem no dom das línguas, profecia, revelação, visões, cura, interpretação de línguas"* (SHERRILL 1969:117). Em 1855, na Rússia czarista, um pequeno grupo dissidente da Igreja Ortodoxa Grega falava línguas e as profetizava. R. Boyd, em 1873, relatou a pregação de Dwigght Lyman Moody¹: *"quando cheguei às salas da Associação Cristã de Moços, encontrei a reunião em fogo. Os jovens estavam falando em línguas e profetizando"*.

Desse modo, observamos que existiram casos de glossolalia entre os séculos V e XV, mas foram poucos os que ficaram registrados para a posteridade (SHERRILL 1969:117).

Retomando as características da religião pentecostal, não se pode excluir a influência do Metodismo inglês de John Wesley. Este movimento se caracteriza por uma forte experiência emocional, baseado num comportamento metódico de santificação e libertação do pecado ainda nesta vida, abrindo espaço para a participação de leigos até mesmo nas pregações. O movimento migrou para os Estados Unidos, onde foi bem acolhido, e sua expansão se deu através de acampamentos com muitos adeptos. Suas reuniões eram marcadas pela ênfase na emoção com constantes manifestações de êxtase.

No contexto americano, no final do século XIX começaram a surgir igrejas praticando a glossolalia, já sendo denominado por Movimento Pentecostal com os pregadores da *segunda bênção*. Nomes como D. L. Moody; R. A. Torrey; A. B. Simpson; Andrew Murray; A. J. Gordon; F. B. Meyer e Charles G. Finney passaram a ensinar que a nomenclatura *batismo no Espírito Santo* não era sinônimo de conversão, mas uma experiência subsequente à conversão, a qual se caracterizava por ser um revestimento do poder do alto para dinamizar o serviço cristão. Enfatizavam que o cristão deveria buscar esse revestimento de poder,

1 Também conhecido como D.L. Moody, foi um [evangelista](#) e [editor](#) americano que fundou a *Igreja Moody*, a *Escola Northfield*, a *Escola Mount Hermon* em Massachusetts (agora chamada *Escola Northfield Mount Hermon*), o *Instituto Bíblico Moody* e a *Moody Press*.

porém, nessa época, ainda não entendiam as línguas estranhas como evidência externa do batismo com o Espírito Santo.

Foi com Charles Parham que a doutrina do batismo do Espírito Santo passou a ser entendida como é hoje, resgatando a compreensão de que as línguas estranhas eram evidência externa do batismo com o Espírito. Em 25 de dezembro de 1900, depois de estudarem sobre arrependimento e conversão, Parham e seus alunos concluíram que a prova irrefutável era que eles falavam em línguas. Entendiam que a experiência do batismo com o Espírito estava presente em várias passagens bíblicas, mesmo que as línguas não estivessem citadas explicitamente. Em 1º de janeiro de 1901, a aluna Agnes Ozman pediu para que Parham e os demais alunos impusessem as mãos sobre ela para pedir o batismo com o Espírito Santo. Começava ali o moderno avivamento pentecostal. O movimento pentecostal enfatizava o trabalho missionário, utilizando o revestimento do poder do Alto (Atos dos Apóstolos 1,8). Contudo, as línguas manifestadas nem sempre eram línguas existentes (HOEKEMA 2002:14-15).

William Joseph Seymour, aluno de Parham, viajou pelos Estados Unidos, ensinando a doutrina do batismo com o Espírito Santo com evidência externa de falar em outras línguas. Apesar de rejeitado pela igreja em que pregava, continuou realizando reuniões nas casas de alguns membros, até o grupo descobrir um prédio disponível na Azusa Street número 312, onde milhares de pessoas tomaram conhecimento do avivamento e foram atraídos para os cultos. (SHERRILL 1969:62-65). O movimento pentecostal começou a ser mais divulgado graças ao jornal *Apostolic Faith* (da Missão de Azusa), que falava sobre o avivamento, e também pelas notícias nos jornais seculares de 1906. Muitas pessoas, em busca de experimentar o batismo com o Espírito Santo, participaram das reuniões pentecostais e se aventuraram em missões ao redor do mundo a fim de divulgar essa nova mensagem. Depois disso, o Pentecostalismo se espalhou pelo mundo, conseguindo uma projeção muito superior ao que os seus líderes esperariam e tornando-se uma grande força dentro do Cristianismo.

Entretanto, o falar em línguas sempre foi alvo de polêmicas fora das comunidades pentecostais. Igrejas históricas protestantes não dão valor teológico e espiritual à prática,

alegando que as manifestações espirituais estão circunscritas ao período bíblico e não trazem benefícios à igreja. Só a partir da metade do século XX, com a Renovação Carismática, os católicos começaram a tratar sobre o tema, aceitando reuniões com grupos de leigos em que as línguas estranhas são faladas.

Entusiasmo Brasileiro

Esse novo movimento também foi implantado no Brasil. Segundo alguns sociólogos, o Pentecostalismo pode ser dividido em três grandes blocos ou *ondas*, cada um com características próprias, mas não excludentes. No início da década de 1910 são estabelecidas no país as igrejas da primeira onda: Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus. As principais características eram o falar em línguas, a crença na volta iminente de Cristo e na salvação (MARIANO 2005:29). Por divergência interna na Assembleia de Deus, com a saída de um dos seus pastores é fundada a igreja de Cristo no Brasil, com a mesma base doutrinal das anteriores.

Em 1950 surgem as igrejas da segunda onda, com destaque para a Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, Igreja Pentecostal Deus é Amor e Igreja Adventista da Promessa. Essa segunda onda passa por mudanças na prática carismática, incluindo o dom de curas e tornando-se mais flexíveis quanto às origens das igrejas. O contexto histórico é de crescimento industrial e a consequente concentração urbana, proveniente do êxodo rural, com seus cinturões de pobreza (PASSOS 2005:92).

Em 1970 instalam-se as igrejas consideradas da terceira onda. Levando em conta os movimentos anteriores, as igrejas, agora, são mais estruturadas e exploram recursos de comunicação em massa, como o rádio e, em especial, a televisão. Seu lugar histórico é a megalópole com todas as suas contradições sociais. A Igreja da Nova Vida, Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Internacional da Graça de Deus são as principais representantes. Do ponto de vista teológico, essas igrejas mudam o foco pentecostal para prática exorcista, tornando-a central. Entretanto, não são abandonados a glossolalia e o dom de curas.

Diante dessas informações, resta ser acrescentado que a Igreja Católica não ficou inerte face a toda essa mudança. Foi permitida e incentivada a implantação de um movimento, a

Renovação Carismática Católica, com várias características semelhantes às d Pentecostalismo.

Podemos dizer dos carismáticos que eles padecem do estigma de compartilhar as bases de uma modalidade religiosa que é em verdade originária e fundamentada pelos pentecostais, invertendo ao menos em algum sentido a tradição católica de originalidade e dominância – fato que deve ocasionar alguma mobilização psíquica entre seus membros, principalmente os líderes. Com seu apego a Maria, cria-se uma marca explícita de separação entre os dois grupos: os carismáticos são pentecostais, mas com Maria, e nesse ponto a separação está completa. Maria é uma fronteira intransponível entre dois territórios que, de outro modo, poderiam ser um só (PRANDI 1998:141).

O Novo Pentecostes

Procurando compreender a importância da prática ritual na experiência religiosa e identitária de alguns cristãos pentecostais na atualidade, foi feita uma pesquisa de campo. Foram visitadas as comunidades: Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) – Vila Aricanduva; Assembleia de Deus do Brás (ADB) – Brás; Igreja Evangélica Apostólica Renascer em Cristo (IEARC) – Tatuapé; Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) – Penha, Comunidade Cristã Vida (Imirim). Em um primeiro momento, observarmos se a glossolalia ainda é uma prática constitutiva dos cultos pentecostais de denominações diferentes e em todas as comunidades a manifestação dessa prática se fez presente.

Foi possível perceber que não existe uma diferença significativa no conteúdo do culto, mas sim sequências diferentes de apresentação litúrgica. A figura do pastor à frente dos trabalhos é centralizada. A ênfase do dia de dedicação ao Senhor recai sobre o domingo e os demais dias da semana são dirigidos a uma diversidade de cultos específicos, como Culto de Prosperidade, de Cura, do Espírito Santo, da Família, de Libertação, de Encontros, etc. Essa criatividade de enfoques cúltricos associadas a outras atividades que essas igrejas proporcionam são fatores relevantes para que o fiel esteja sempre ligado à igreja.

A grande alegria e as atitudes emocionais são fortemente amplificadas pela música, justificada pelo propósito de adoração. As canções são envolventes e de ritmos variados.

Nesse contexto participativo, os fiéis extravasam toda sua emotividade cantando, com palmas, com movimentos do corpo, etc. Há uma liberação de palavras incompreensíveis, com pessoas falando ao mesmo tempo. Os fiéis são incentivados pelo pastor a continuamente pronunciar essas palavras, classificadas como oração. Nesse movimento crescente percebe-se uma explosão emocional, com a música funcionando como pano de fundo. Igrejas como a Renascer em Cristo e Evangelho Quadrangular contam com grupos de dançarinos que acompanham os louvores. Na Renascer em Cristo, vários grupos contam com a participação de coreógrafos profissionais, que fazem parte da denominação e que padronizam as expressões corporais, associando-as ao que sugere a letra de cada música utilizada no culto.

Quando o sermão é ministrado, o ouvinte já está integrado à emotividade da igreja. No momento da oração, ele pode dar vazão a esse manifestar, sem que tenha controle sobre a forma de exteriorizar esses carismas, quer orando alto, falando em línguas estranhas, manifestando sons estranhos ou até rindo. Todas as igrejas visitadas cedem espaço para a manifestação dos carismas no desenrolar do culto.

É possível também perceber que o pastor, ao apresentar o sermão, leva os fiéis a um processo reducionista da mensagem. Notamos que os dirigentes dos cultos costumam interromper as orações e, muitas vezes, a própria pregação com frases glossolálicas, exceto na Comunidade Cristã Vida. A dialética teológica é transformada e adaptada para as emoções e assim o sagrado é individualizado, com um sentimento de fé mais exacerbado. Para os participantes, a percepção do sagrado é descomplicada, pois segundo o fundamento pentecostal trata-se de uma graça concedida pelo Espírito Santo através dos carismas e estes são manifestados em todos os cultos sem distinção.

Dentro da estrutura que cada denominação estabelece, nenhuma delas deixa de conter: adoração de abertura, louvores de adoração, testemunhos, pregação da Bíblia, solicitação de dízimos e ofertas, boas-vindas a visitantes, oração de despedida. Evidente que cada uma dimensiona diversamente o tempo para cada um dos itens. A média de duração de um culto é de cerca de duas horas. Neste espaço sagrado não há distinção entre os membros e o

corpo de obreiros, todos participam ativamente deste exercício de fé e de experiências religiosas através dos dons.

Vale ressaltar também que, no caso da Assembleia de Deus, a glossolalia faz parte de uma exigência para aqueles que querem seguir carreira eclesiástica. Nas demais denominações, essa exigência permanece camuflada, pois no desenrolar dos cultos todos são estimulados a falar em línguas estranhas e, como consequência, passam a tê-la.

Experiência Com Dons – Igreja Evangélica Apostólica Renascer em Cristo e Comunidade Cristã Vida

A pesquisa de campo teve como objetivo principal analisar o fundamento da igreja pentecostal na interpretação da glossolalia praticada nas igrejas. O processo envolveu o método quantitativo experimental para legitimar ou não a importância da glossolalia em comunidades pertencentes a esse segmento. Selecionamos duas igrejas para comprovar como a glossolalia é entendida em igrejas com tamanhos diferentes. Os dados apresentados são da Igreja Evangélica Apostólica Renascer em Cristo - IEARC² (igreja de grande porte, com diversas filiais e de linha neopentecostal) e da Comunidade Cristã Vida - CCV³ (médio porte, com poucas filiais e de cunho pentecostal clássico).

A pesquisa envolveu um total de 184 participantes, sendo 97 da IEARC e 87 da CCV, com um questionário fechado totalizando 20 questões. A estrutura do questionário foi subdividida da seguinte forma:

- Um cabeçalho com a identificação da igreja, a data do preenchimento, a idade e se o pesquisado fazia parte da membresia da igreja ou era um obreiro.

Há que se fazer as seguintes observações:

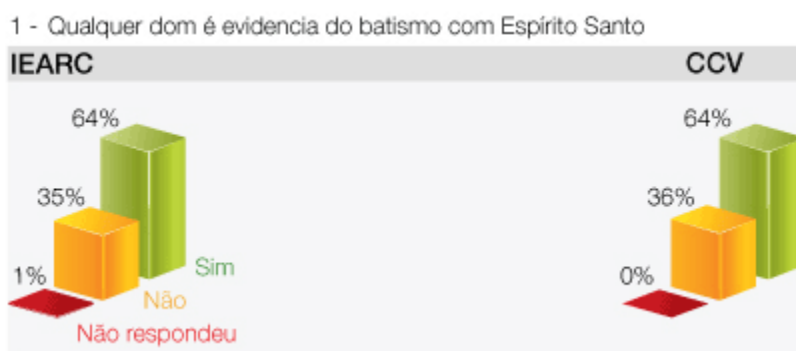
- Os ajudadores da IEARC não são classificados como “obreiros”, mas como “oficiais”.
- A informação da faixa etária dos pesquisados não foi levada em consideração para uma estratificação pormenorizada dos dados.

2 Localizada no bairro do Tatuapé (São Paulo).

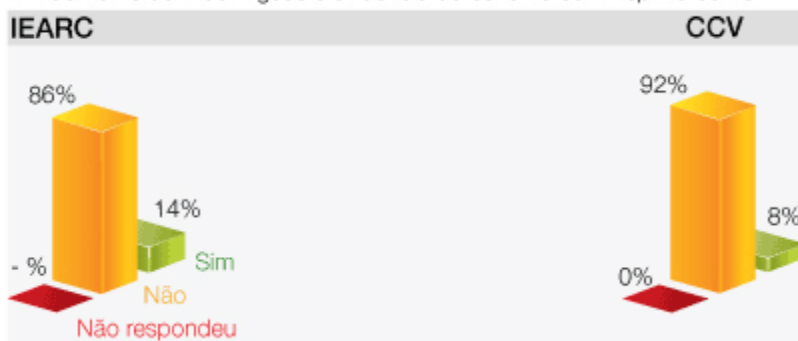
3 Localizada no bairro do Imirim (São Paulo).

- Não foram separados os dados da identificação quanto ao entrevistado ser obreiro ou membro. Trabalhamos neste artigo com a totalidade das respostas, traçando um paralelo entre as duas comunidades.
- Numa segunda subdivisão, tratada por *Identificação*, temos seis perguntas que levantam o grau de importância da manifestação glossolálica e se o pesquisado faz uma diferenciação da glossolalia, definindo-a como a língua dos anjos e se elas correspondem às mesmas manifestadas em Pentecostes;
- A partir da identificação da resposta afirmativa para o falar em línguas, o pesquisado é levado à terceira subdivisão do questionário, que vai clarificar não só a importância, mas que tipo de experiência ele teve com este dom;
- Caso a resposta para o falar em línguas tenha sido negativa, ele parte para a quarta subdivisão do questionário, sendo possível identificar a expectativa que o pesquisado tem em relação a essa questão.

Iniciando nossa reflexão em torno da pesquisa de campo, a primeira pergunta do questionário está formulada para percebermos se os pentecostais pesquisados identificam a glossolalia como a evidência do batismo com o Espírito Santo:

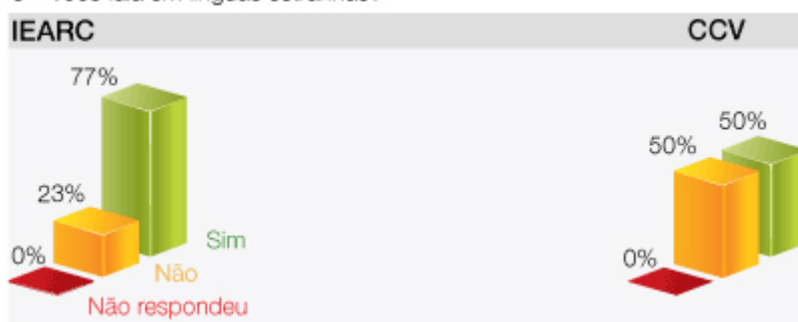


2 - Somente dom de línguas é evidência do batismo com Espírito Santo

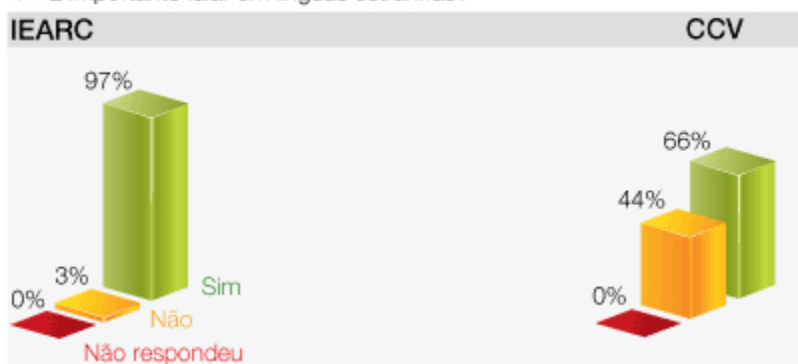


No entendimento dos dois grupos pentecostais, qualquer dom pode identificar o batismo com Espírito Santo, não necessariamente o dom de línguas estranhas. A quase unanimidade na CCV chama a atenção para esse fato, uma vez que sua linha teológica segue o Pentecostalismo clássico, centrado na glossolalia. Verificamos, portanto, que as ondas do movimento pentecostal são acrescidas de novas características e de novos dons. Talvez isso explique o fato dos grupos não considerarem a glossolalia como a única evidência da manifestação do batismo com o Espírito Santo.

3 - Você fala em línguas estranhas?



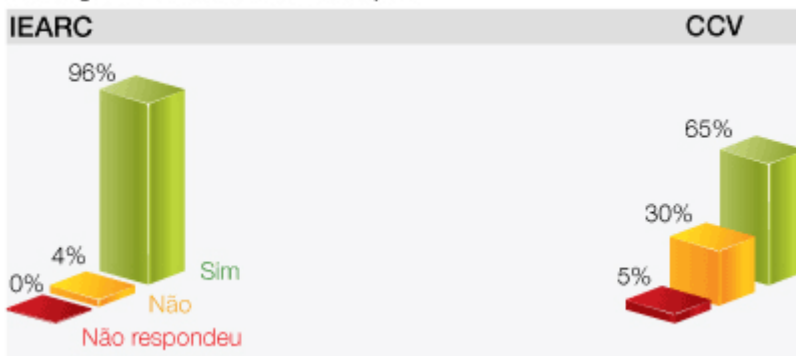
4 - É importante falar em línguas estranhas?



Para os participantes da comunidade menor, falantes e não falantes em línguas estranhas estão presentes com a mesma porcentagem. Já na igreja maior, a diferença para os que falam é muito significativa. Pode-se visualizar uma divergência nestas respostas em relação às da tabela anterior. Embora muitos apontem que a glossolalia não é a evidência única do batismo com o Espírito, mais de 50% em ambas as igrejas consideram-na como muito importante. Além disso, uma quantidade significativa manifesta o dom.

Na pergunta seguinte, buscamos identificar que tipo de associação teológica os pesquisados fazem desse dom.

5 - Línguas estranhas são as de anjos?

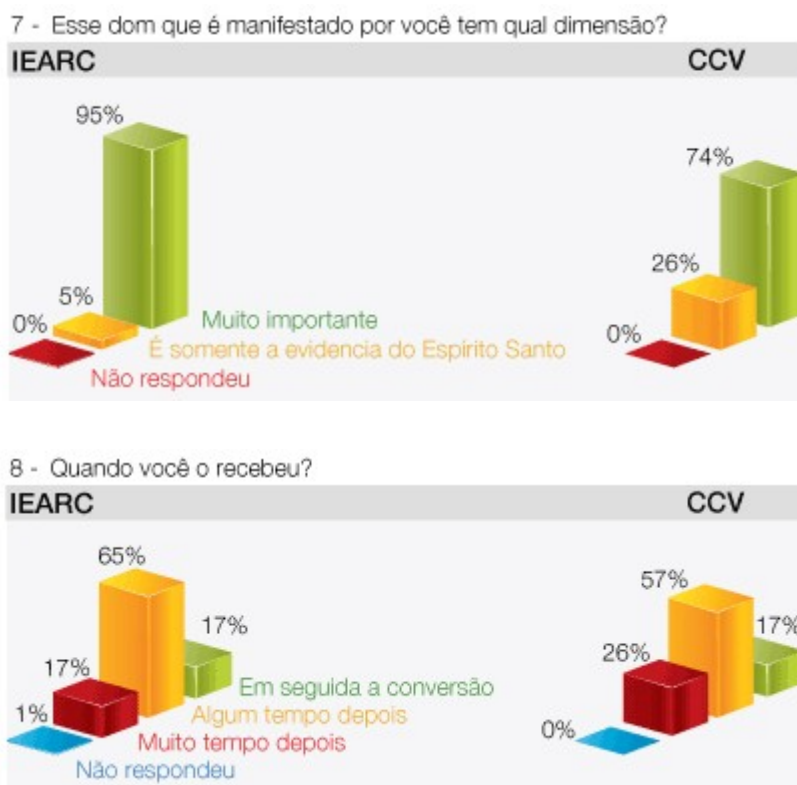


6 - Línguas estranhas são as mesmas de Atos 2?



Não há dados suficientes em toda a literatura teológica para garantir que a glossolalia é ou não similar a uma língua naturalmente falada ou se uma língua totalmente estranha e ininteligível. Neste último caso, pode ser associada às falas angelicais. Para a maior parte dos pesquisados, as línguas são angelicais e as mesmas descritas em Atos 2, estas últimas entendidas plenamente pelos estrangeiros de acordo com o relato bíblico.

Neste ponto passamos a interpretar efetivamente os que dizem terem sido batizados com o Espírito Santo. Embora não apresentemos a distinção entre membros e obreiros das igrejas, percebemos que, para os obreiros, a necessidade da glossolalia é parte da cultura teológica a que pertencem.



Fica claro que é muito importante para todos possuírem o dom da glossolalia e que a maioria recebeu o carisma algum tempo depois. Poucas pessoas receberam em seguida a sua conversão e, na mesma proporção, outras tantas receberam muito tempo após. Esse dado evidencia que a glossolalia é vivenciada como uma segunda bênção, não estando diretamente relacionada à conversão.

9 - Como você recebeu esse dom?

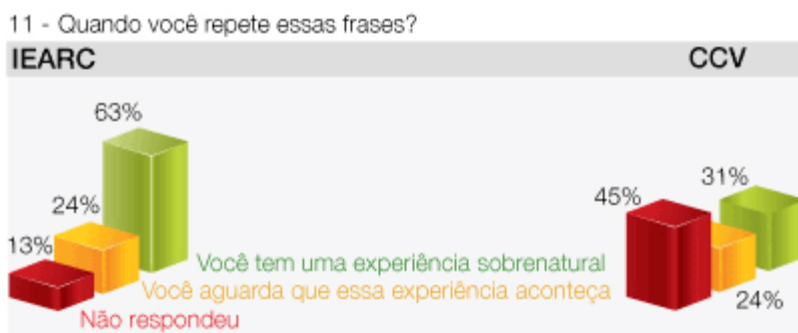


10 - Você aprendeu a repetir as frases na figura de quem?



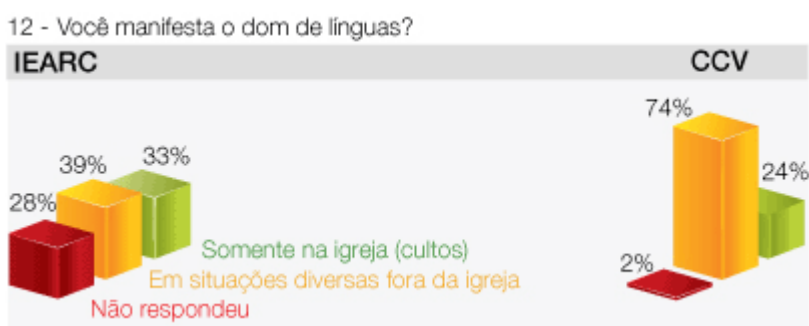
Quanto às porcentagens, podemos afirmar que existe coerência entre as respostas apresentadas anteriormente à pergunta, mas temos que esclarecer que faz parte da IEARC apresentar uma forma alternativa do manifestar desse dom através de ensinamentos durante o culto. A justificativa para este ensino foi observada em um dos cultos, na fala de um líder: *“se você não fala em línguas, venha à frente. Fale e repita o que você ouve, pois somos ensinados no Espírito como somos ensinados em nossa língua”*. Os resultados desta igreja demonstram uma concentração grande na orientação do líder fundador da igreja, enquanto que na CCV os participantes deixaram de responder a questão, uma vez que este ensino inexistia nos seus cultos.

No caso da IEARC é interessante notar a cadeia de comando, em que quase metade dos pesquisados respondeu que aprendeu a falar em línguas com o apóstolo. O percentual segue decrescente na hierarquia, com os bispos e os pastores. Geralmente, o apóstolo Estevam Hernandes promove o ensino do falar em línguas nas Ceias de Oficiais (realizadas uma vez por mês) ou em algum culto específico. Apesar das poucas aulas dadas pelo apóstolo, percebe-se que seu exemplo é altamente considerado.



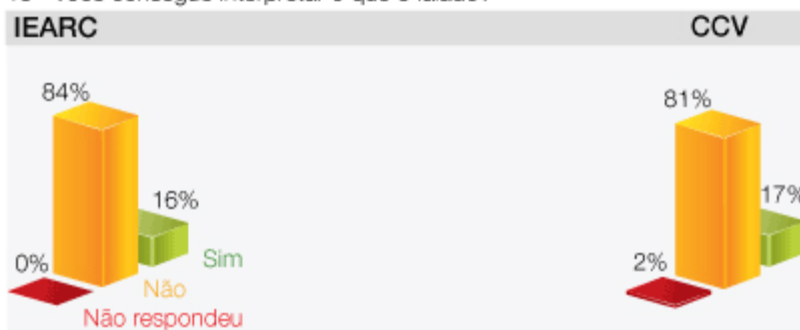
Em relação à questão de número 11, podemos intuir:

- 1) NA IEARC, embora 48% tenham declarado imitar as frases glossolálicas (pergunta 9), metade dessas pessoas ainda aguarda para ter uma experiência sobrenatural com o Espírito Santo. A outra metade interpreta o fator repetição como uma experiência dessa natureza.
- 2) Quanto à CCV, notamos que 55% não responderam à questão. É uma posição lógica, visto que todos foram batizados sobrenaturalmente. Outros 31% entenderam que as frases pronunciadas por eles continuam sendo uma experiência sobrenatural. Por fim, 24% aguardam por esta experiência, o que torna esta resposta bastante incoerente para esse grupo se realmente o seu batismo com o Espírito Santo e a liberação do dom de glossolalia se deram de maneira sobrenatural.



A maioria de ambas as igrejas declara manifestar o dom fora da igreja em outras ocasiões. Este dado torna-se interessante, uma vez que o culto seria a ocasião mais comum para a manifestação dessa experiência.

13 - Você consegue interpretar o que é falado?



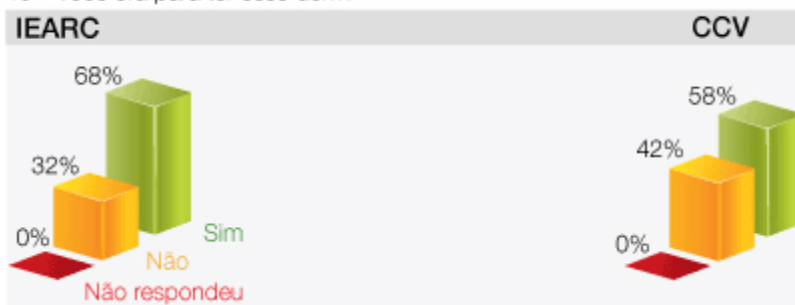
A última questão para este grupo também é significativa. Na IEARC, 84% dos pesquisados afirmam não entender o que é falado em línguas estranhas. As respostas da CCV são similares. Sendo assim, o dom não constitui ferramenta para a revelação da vontade divina ou mesmo para exortação dos membros. Trata-se simplesmente de uma experiência com fim em si mesma. Essas respostas ajudam a entender o resultado das perguntas 5 e 6. Uma vez que não entendem o que é falado, os participantes não conseguem identificar se é o caso de uma língua humanamente ininteligível (angelical) ou um idioma humano estrangeiro (caso de Atos 2). Membros e obreiros preferem considerar os dois casos como glossolalia, ainda que não percebam na prática a diferença entre eles.

Terminada a análise dos pesquisados que declaram possuir o dom glossolálico, vamos interpretar os dados daqueles que declararam não possuí-lo.

14 - É muito importante para você manifestar o dom de línguas estranhas?

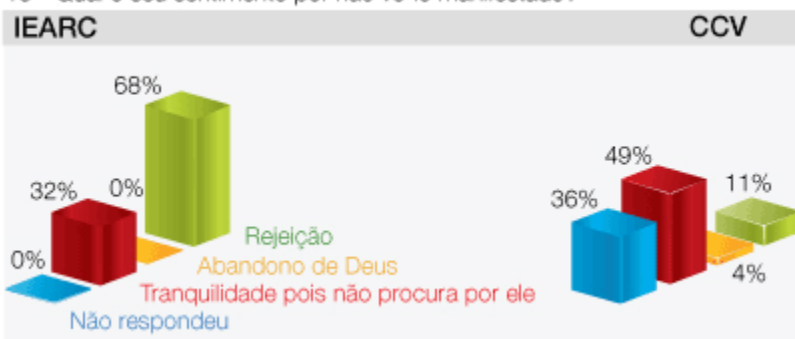


15 - Você ora para ter esse dom?



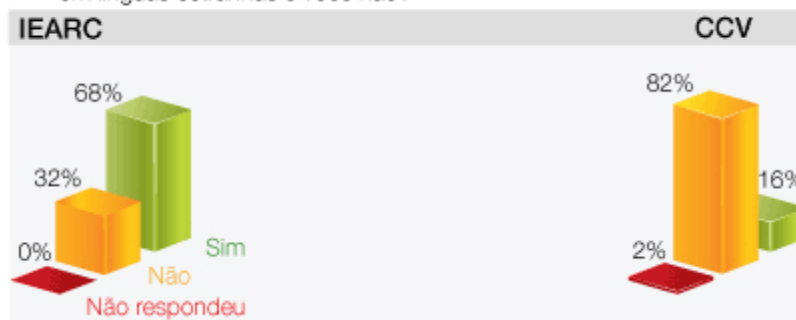
O manifestar do dom de línguas constitui matéria importante para os entrevistados. Para os participantes da IEARC, é tão importante que a porcentagem das pessoas que oram para ter o dom é significativa, ao passo que na CCV as respostas são mais equilibradas. É necessário, neste ponto, fazer mais uma observação: os membros da IEARC desejam e oram expressivamente, talvez pelos fatos da valorização e do ensino nos cultos.

16 - Qual o seu sentimento por não vê-lo manifestado?

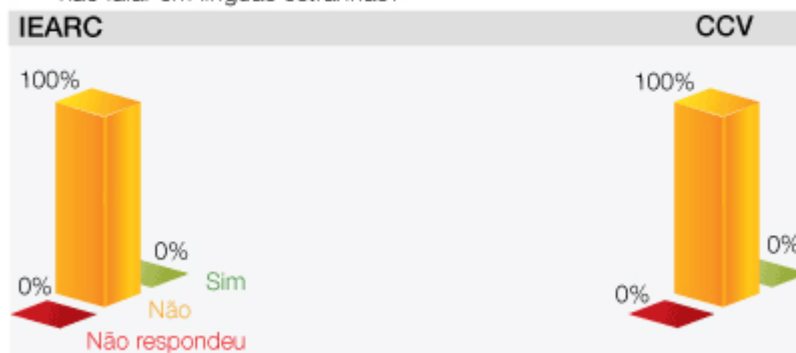


Em relação à questão, notamos que na IEARC mais da metade se sente rejeitada e os demais estão tranquilos para receber os dons. Na CCV, poucos responderam que se sentem rejeitados e muitos participantes preferiram não responder à pergunta.

17 - Já teve algum constrangimento porque as pessoas próximas falavam em línguas estranhas e você não?



18 - Você já foi excluída por um grupo (por pessoas) dentro da igreja por não falar em línguas estranhas?

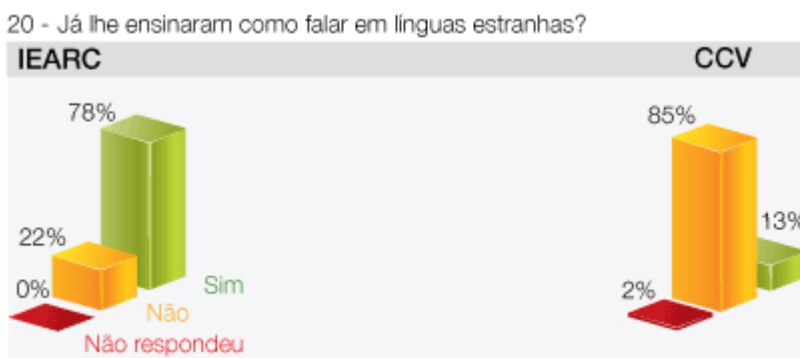


19 - Você pensou alguma vez em mudar da comunidade por conta deste fato?



Nas questões 17, 18 e 19 são trabalhadas as relações entre os falantes e os não-falantes em línguas estranhas. O sentimento de constrangimento por não manifestar os dons atinge 68% dos membros da IEARC pesquisados. No caso da CCV, a relação é inversa, com o percentual de não constrangidos sendo visivelmente maior. Mas, nas duas comunidades, existe uma ampla aceitação dos não falantes pelos falantes (pergunta 18). Essa acolhida

tem um efeito prático: praticamente nenhum dos não falantes deseja sair da igreja por não ter o dom da glossolalia (pergunta 19).



Como era de se esperar, a IEARC tem a maior porcentagem na questão do ensino da glossolalia, enquanto que na CCV é exatamente o inverso. É possível extrair que esse grupo da IEARC não se influenciou por repetir as frases e permanece aguardando, em similaridade ao grupo da CCV.

Considerações Finais

Depois de um século, a glossolalia, que conseguiu tantos adeptos para o Pentecostalismo, continua constitutiva da maioria dos cultos deste movimento. A pesquisa de campo demonstrou como as percepções sobre a glossolalia podem ser diferentes em dois grupos pentecostais. Na IEARC, de linha neopentecostal, o dom é motivo de preocupação em grau superior ao observado na CCV, de doutrina pentecostal clássica. O incentivo dos dirigentes da IEARC para um aprendizado imitável acaba por minimizar a imprevisibilidade da força sobrenatural, transformando a glossolalia em uma atividade quase mecânica.

Apesar da importância da glossolalia na dinâmica da IEARC, os participantes não-falantes afirmam que não sofrem preconceitos e nem pretendem mudar de denominação por não manifestarem o dom. De modo geral, os entrevistados da CCV demonstraram muita tranquilidade a respeito do dom, com respostas mais equilibradas frente às alternativas propostas pelo questionário. Em ambas as igrejas, é nítido que a glossolalia é fator de inclusão de membros e obreiros.

Bibliografia

- FRESTON, Paul. 1996. *Pentecostalismo, Seminário UNIPOP*. Belém: Universidade Federal do Pará.
- HOEKEMA, Anthony. 2002. *Salvos Pela Graça*. São Paulo: Cultura Cristã.
- JIVIDEN, Jimmy. 1973. *Glossolalia: De Deus ou de Homem?*. Ft. Worth: TX, Star Bible Publications.
- MARIANO, Ricardo. 2005. *Neopentecostais, Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola.
- PASSOS, João Décio. 2005. *Pentecostais Origens e Começo*. São Paulo: Paulinas.
- PRANDI, Reginaldo. 1998. *Um sopro do Espírito*. São Paulo: Edusp.
- SHERRILL, John L. 1969. *Eles Falam em Outras Línguas*. Tradução de João Marques Bentes, revisão Gordon Chown, São Paulo, Sociedade Evangélica Betania.